

Educomunicação, uma revolução na sala de aula

Alessandra Moura Bizoni entrevista o professor Ismar Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. A matéria foi publicada no jornal Folha Dirigida, na edição de nº 1.396 (08 a 14/12/2005).

Após lecionar Geografia e História, Ismar Soares decidiu ingressar na carreira jornalística. Atuando no jornalismo religioso e educacional, percebeu o abismo existente entre os meios de comunicação e a prática em sala de aula. Ao mesmo tempo, em sua ação no magistério, principalmente na área de Geografia, percebia uma demanda crescente por novos recursos pedagógicos.

Esses questionamentos levaram o professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) a pesquisar a inter-relação entre essas duas áreas, salientando o uso da produção dos meios de Comunicação em sala de aula e a sua apropriação por sujeitos da sociedade civil. O resultado foi a criação do conceito de "Educomunicação".

Ismar Soares atribui a autoria do conceito ao uruguaio Mário Kaplun. "O conceito inicialmente foi usado por ele, que o usava como sinônimo de educación a los medios, ou conceito de comunicação educativa. Porém, eu entendi que esse conceito poderia ganhar um novo significado para abranger todas as ações advindas dessa relação", explica o docente.

Passados 15 anos da certificação do primeiro curso de especialização em Comunicação e Educação da USP, veio o reconhecimento acadêmico. No 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom/2005), realizado de 5 a 9 de setembro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), coordenado pelo professor Ismar Soares, foi contemplado com o Prêmio Luiz Beltrão, na qualidade de Grupo Inovador. Também neste ano, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou a chamada Lei Educom, sancionada no dia 15 de agosto, indicando a intenção da Prefeitura de São Paulo em continuar com as atividades do programa Educom.rádio — programa desenvolvido entre 2001 e 2004, em escolas municipais de São Paulo destinado à formação de 11 mil pessoas, entre professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 unidades.

Em entrevista à FOLHA DIRIGIDA, o professor Ismar Soares apresenta a Educomunicação, explicando as potencialidades do uso de linguagens dos meios de Comunicação como ferramentas de aprendizado e construção da cidadania. "A Educomunicação, contudo, chega com a proposta de revolucionar esse espaço, permitindo que toda a comunidade se envolva com a Comunicação e que haja sempre uma pergunta em qualquer planejamento educativo: como é que eu estou me comunicando? Como é que o meu procedimento ajuda ou atrapalha os procedimentos comunicativos? Como transformar essas relações num espaço de abertura dialógica?", questiona o educador. Eis a entrevista:

FOLHA DIRIGIDA - Como surgiu a Educomunicação?

Ismar Soares - Pelo fato de eu conviver nas duas áreas (Educação e Jornalismo), eu senti as resistências mútuas, os dois universos se rejeitando, ao invés de se atraírem. Por viver nesses dois universos, e por ser, em especial, um professor de Geografia que, para trabalhar os conceitos relacionados a espaço, tempo, culturas e organização de povos, sempre fiz uso da

produção cinematográfica e videográfica das televisões nacionais e internacionais, eu percebia o quanto era importante levar em conta as possibilidades da comunicação, especialmente a comunicação audiovisual, a comunicação escrita. E a aproximação com o mundo do audiovisual e o mundo do documentário me levou também a uma percepção das limitações desse tipo de projetos e programas e da necessidade de encontrar no pólo da educação alguém que conhecesse as linguagens da mídia, que pudesse ter critério na escolha desses produtos e que até incentivasse os próprios alunos a passarem a usar esses mecanismos, essas linguagens, para os seus trabalhos de reconhecimento da presença do homem sobre a face da Terra.

FOLHA DIRIGIDA - E como o conceito de Educomunicação foi criado?

Ismar Soares - O conceito surge dessa prática, que é uma prática de observar o comportamento dos dois âmbitos. Encontramos na sociedade latino-americana, especialmente, um grande número de pessoas, vindas das mais diversas áreas, usando a comunicação de uma forma alternativa. Eram as pessoas que estavam lutando para colocar na pauta da sociedade temas como o meio ambiente, as questões de gênero, de etnias, das minorias, os indígenas. Estas pessoas estavam fora da mídia, ou eram secundários na mídia, ou apareciam na mídia apenas quando algum fato extraordinário exigia que esses assuntos aparecessem. Porém, gente da sociedade estava se mobilizando. E isso aconteceu através da chamada imprensa alternativa, comunicação alternativa, e vai acontecer através da ação das ONG's.

FOLHA DIRIGIDA - Esse movimento aconteceu em que época?

Ismar Soares - Isso foi anos 70 e 80. A imprensa alternativa é vista hoje muito como imprensa de resistência ao Regime Militar. E foi. Mas não foi só isso. Foi especialmente um trabalho de engajamento na reforma da sociedade em geral. A multiplicação das ONG's nos anos 70 e 80 teve como palco os grupos que queriam interferir na sociedade. E descobriram que não poderiam interferir, não fosse a presença do jornal mimeografado ou do pequeno programa de vídeo. Em 1982, o vídeo chega ao Brasil. Em 1984, 40% das associações que trabalhavam com movimento popular já possuíam uma câmera de vídeo e já faziam documentários. A apropriação do movimento popular com relação aos meios foi muito rápida. E com o barateamento dos equipamentos nos anos 90, o uso alternativo ficou ainda mais denso, mais forte. Agora, o conceito Educomunicação em si mesmo era um conceito que já existia e designava tão somente a questão da recepção crítica. A Educomunicação significaria educação para a recepção crítica da mídia. Eu entendi, contudo, que o conceito poderia ser ressignificado. Ganhar um novo sentido.

FOLHA DIRIGIDA - Quem criou esse conceito?

Ismar Soares - O conceito inicialmente foi usado por um uruguaio chamado Mário Kaplun, que o usava como sinônimo de educación a los medios, ou o conceito de comunicação educativa. Porém, eu entendi que esse conceito poderia ganhar um novo significado para abranger todas as ações advindas dessa relação. E aí eu identifiquei várias ações.

FOLHA DIRIGIDA - Quais seriam estas ações?

Ismar Soares - Uma primeira ação é a própria educação para recepção crítica, é uma ação, é uma área, importante, presente no mundo inteiro; na Inglaterra chama-se media education; nos Estados Unidos é media literacy, é literatura sobre os meios. Outra área é chamada de expressão comunicativa através das artes. Todo trabalhador de televisão é um artista, ainda que seja um jornalista lendo uma notícia, ele é tratado como artista: o cenário em que ele está é um cenário de artes. A arte é muito usada pela mídia. E a educação também trabalha com arte, com muito menos força. Claro que o arte-educador não tem no sistema educacional um poder muito forte e prestígio. Os governos sempre estão tentando reduzir o trabalho do arte-educador ao mínimo possível. No entanto, nós descobrimos que muita gente usa arte para promover auto-estima das crianças e dos idosos por exemplo, fazendo com que eles se comuniquem melhor. Para nós isso é educomunicação. É uma área da Educomunicação. Existe uma terceira área que nós chamamos área das mediações tecnológicas no espaço educativo. Isso fazendo um contraponto com aquilo que se chama em educação de tecnologias educativas.

FOLHA DIRIGIDA - Qual a diferença entre mediações tecnológicas e tecnologias educativas?

Ismar Soares - A diferença é: a tecnologia educativa é entendida como um instrumento na mão do professor para melhorar a sua performance. Para a educomunicação, a tecnologia é usada como um meio para mediar as relações entre os grupos ativistas e a sociedade. Porque, hoje em dia, é impossível chegar a um público ainda que próximo, um público médio — que dirá um grande público — sem usar os instrumentos da tecnologia. No caso a internet, a mídia impressa, os banners, os folhetos, assim por diante. Mas no caso da tecnologia, ela é entendida como mediação não apenas porque ela transmite, é um canal, mas porque condiciona a própria produção da informação. Existe uma linguagem própria para a televisão, para o rádio, para o jornal, que limita ou fortalece as formas de expressão das pessoas e inclusive cria novas condições de aprendizagem.

FOLHA DIRIGIDA - E quais seriam estas novas condições de aprendizagem?

Ismar Soares - Atualmente, o adolescente é eminentemente visual. Um longo discurso feito para criança, não produz efeito. O poder de concentração está cada vez menor. O jovem adulto também. Eles vivem num mundo fragmentado e a percepção se dá através de flashes. Eles têm aquilo que se chama de inteligência tissular, que é uma inteligência que capta por comparação, não mais pela seqüência lógica de um grande princípio do qual se derivam vários outros princípios e práticas. Em geral, se capta através da sensibilidade que a aproximação entre fatos nos permitam entender alguma coisa. Então, alguma coisa é boa, para boa parte da população, se ela está associada a algo que é agradável à vista, aos ouvidos de quem esteja observando. Uma atriz, ou um ator considerado uma pessoa bonita, bem apessoada, num cenário lindo, maravilhoso, consegue convencer com rapidez, muito mais rapidez, do que alguém apresentando uma longa explicação teórica sobre algum benefício social de algum objeto. A aproximação entre a beleza do ator e o ambiente que o cerca faz parte de um diálogo mediado pelas tecnologias. É graças à tecnologia que aquilo acontece. No caso, a nossa preocupação é saber como a internet, como a mídia televisão, a mídia rádio, interfere neste

universo tissular da inteligência contemporânea. A isso tudo chamamos de mediação tecnológica, que é a terceira área.

FOLHA DIRIGIDA - E qual é a quarta área da educomunicação?

Ismar Soares - Uma quarta área da chamada educomunicação é a área da gestão dos processos comunicativos. Se você sabe que é possível educar para a mídia (a primeira área), se você sabe que é importante usar os recursos da mídia para ampliar a forma de expressão das pessoas e usar a arte para isto. Se você percebe que a tecnologia é uma mediação presente e você faz planejamento de como usar isto em dado local, você é um gestor. O gestor é aquele que, conhecendo as carências e necessidades de determinado espaço, ambiente ou grupo, vai buscar na Educomunicação soluções para resolver o problema. Quando damos um curso de Educomunicação, propomos para as pessoas fazer um planejamento educacional.

Essas pessoas, em grupos, vão fazer um diagnóstico para perceber onde é que elas estão falhando nas suas relações comunicativas. E qual é a solução educacional para a questão. Alguém diz: meu problema é a violência na escola, meu problema é falta de aprendizado na área das Ciências Exatas, meu problema é a rejeição que grupos de alunos tem com outros grupos, ou com os professores. Seja qual for o problema, haverá uma solução educacional, que tem como meta criar ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos, participativos, através de uma gestão democrática dos recursos, através de uma aplicação de conhecimentos sobre como manejá-los. Esse conjunto de atividades nós estamos chamando hoje de Educomunicação.

FOLHA DIRIGIDA - Qual é o perfil do educador?

Ismar Soares - O perfil é de alguém muito preocupado em conhecer a realidade do ambiente em que vive. É, portanto, um pesquisador, não no sentido clássico do pesquisador acadêmico, mas daquele curioso que vai buscar explicações para o que está acontecendo a sua volta. O educador é alguém que está fazendo continuamente análise de conjuntura a respeito do que está acontecendo e buscando, nas Ciências Humanas, explicações. Ele vai buscar na Sociologia, na Política, na Antropologia, onde seja, explicações para o que está acontecendo e dialoga muito sobre isso.

FOLHA DIRIGIDA - E essa pessoa precisa ser, necessariamente, um professor ou um jornalista?

Ismar Soares - Não, não. É alguém que na sociedade está preocupado com essas análises e que, ao se preocupar com essas análises, vai identificar as carências de comunicação nas relações sociais. O problema é fome? Ok. Porém, como a comunicação pode interferir nessa fome? Isto é, como eu poderia estar usando a comunicação ou para divulgar esse fenômeno, ou para colocar as pessoas com fome em contato entre si, para elas mesmas buscarem soluções? O educador é alguém com grande capacidade de análise de conjuntura, auxiliado pelas várias ciências humanas, porém, que tem como ferramenta a comunicação. Quer dizer, a resposta dele não vai ser plantar o arrozal para de lá tirar arroz. Porém, será fazer com que essas pessoas se organizem e, através dos recursos da comunicação, busquem parceiros para solucionar seus problemas.

FOLHA DIRIGIDA - Como é que esse profissional se forma?

Ismar Soares - Ele se forma primeiramente na prática. É alguém que tem vocação para isso, que se envolve, que faz experiências e que encontra espaços de experimentação onde algo já esteja acontecendo. O espaço das ONGs e das Associações é ótimo; e espaço acadêmico também. Só que o espaço acadêmico hoje descobre, hoje está se formando para isso. Eu não vou dizer que exista ainda núcleo de excelência que forneça diplomas em educomunicação. O que existe são núcleos de experimentação e que algo acontece. O exemplo que eu tenho é da minha própria universidade, a Universidade de São Paulo (USP)...

FOLHA DIRIGIDA - Como funciona o Núcleo de Comunicação e Educação na USP?

Ismar Soares - O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) tem oito anos. A experiência do Departamento de Comunicações e Artes da USP é que tem 15 anos. Essa experiência gerou o NCE. A nossa experiência foi de começar a formar especialistas na relação Comunicação/Educação através de cursos. Isso começou em 1990.

FOLHA DIRIGIDA - Como eram esses cursos?

Ismar Soares - Começamos com cursos de especialização. E nós continuamos até hoje, trabalhando com esses cursos de especialização. Às vezes, favorecendo a relação Comunicação/Educação, às vezes favorecendo a relação da gestão — nós temos o curso de gestão de processos comunicacionais. Na formação de especialistas através de cursos de larga duração — são cursos de 400 horas, de 500 horas, portanto demoram três, quatro, cinco semestres — acabamos fornecendo um contingente humano para desenvolvimento de programas. Quando nós conseguimos atingir, através de cursos de extensão, a um grupo grande de pessoas — e para isso necessitamos formar gente — essa formação foi muito mais forte do que as próprias formações nos cursos de especialização. Isto é: para atender a um projeto para formar 12 mil pessoas nas 455 escolas da rede municipal de São Paulo, precisei formar 1.100 pessoas. Essas pessoas foram formadas ao longo do próprio processo.

FOLHA DIRIGIDA - Como funcionou esse curso especificamente?

Ismar Soares - O curso era constituído por 100 horas de atividades durante um semestre. Nós trabalhamos durante sete semestres. E a cada semestre nós tínhamos um curso de 100 horas que era dado para um público formado por 700 pessoas, por mil pessoas, duas mil pessoas. A necessidade de formar 1.100 pessoas fez com que nós organizássemos um sistema formativo que exigia de quem fosse atender um curso de 100 horas na periferia na cidade passar por 60 horas conosco na USP. Na verdade, as pessoas que vinham eram estudantes, quer de graduação, quer de pós-graduação, quer de Comunicação, quer da Educação, quer de outra área. Havia também algumas pessoas que já atuavam na prática, trabalhavam em emissoras e tinham capacidade de desenvolvimento de projetos. Essas pessoas tinham que dominar o conteúdo do curso, o que é Educomunicação, sua metodologia, e trabalhar com professores e alunos para que eles planejassem suas próprias educomunicações. Eram quatro encontros aos sábados, de oito horas cada um e mais três horas por semana de encontros de workshops. Durante esse período, os agentes relatavam sua vivência junto a sua clientela e isso era

debatido, discutido com pessoas que tinham já uma formação melhor, mais avançada em educomunicação. Foi numa prática, no exercício de um projeto, em que nós formamos um grupo de 1.100 pessoas.

FOLHA DIRIGIDA - Como o meio acadêmico recebeu a idéia de educomunicação?

Ismar Soares - O meio acadêmico recebeu com suspeitas, porque para a Academia, especialmente para a área de Educação, não havia nada de novo além das tecnologias educativas. Não havia necessidade de se preocupar com o assunto. E, na verdade, a área de Educação, a partir da perspectiva iluminista, entende Comunicação como um conjunto de recursos. A área de Educação teve uma suspeita de que alguém externo chegasse e ocupasse a sua área. É como se tivesse alguém invadindo a minha praia. O que nós tentamos dialogar com Educação é que Educomunicação não vem para combater Educação, mas vem para associar. E se ela é um campo autônomo, é porque ela tem referenciais teóricos próprios, metodologias próprias, porém, que não colidem com Educação. Ao contrário, a Educomunicação vem colaborar com Educação.

FOLHA DIRIGIDA - E da área de Comunicação, houve preconceito?

Ismar Soares - Sim, existe preconceito porque a Comunicação foi entendida como uma área muito próxima à manipulação e ao manejo de recursos e tecnologias para difusão de informações. É uma visão funcionalista que concentra a Comunicação no âmbito não só das linguagens, mas também como domínio de técnicas e procedimentos, voltados para a expectativa aberta pelo mercado. A perspectiva tradicional do mercado era a Comunicação massiva, de entretenimento. A Comunicação demorou muito para aceitar a Educação como área de intervenção. Já aceitou. A partir dos anos 90, então, houve um boom, uma explosão de meios de comunicação voltados para a Educação. A Educomunicação, contudo, vai além da chamada Comunicação Educativa: fala em processos, em criação de ecossistemas comunicativos e em confrontar-se com a perspectiva funcionalista da mídia. Ela adota a perspectiva da teoria das mediações. Também a Comunicação olhou com suspeita, porém os efeitos produzidos na sociedade, a demanda da sociedade com relação a esse universo, suplantou as rejeições. A Intercom, enquanto uma instituição de pesquisadores de Comunicação, simplesmente constatou que existe um fato social, uma demanda, uma procura por formação neste campo. Pesquisas já aconteceram. Foram só na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, nos últimos cinco anos, 50 teses sobre esse assunto. Não havia mais como negar a existência. As pessoas passaram a discutir o que é Educomunicação e poderão até criticar, fazer propostas, sugestões de mudanças de encaminhamento. Contudo, o fato é que o conceito já está na praça. No NCE damos assessoria para implementação de projetos, damos cursos em formação de educadores e desenvolvemos pesquisas.

FOLHA DIRIGIDA - A partir dessa prática em São Paulo, onde há vários projetos implementados, já existe algum estudo dos impactos desses projetos no desempenho dos estudantes e nas relações entre a comunidade escolar?

Ismar Soares - Nós temos uma declaração da ex-secretária de Educação do município de São Paulo, Cida Perez, afirmando que, a partir da implantação do Educom houve imediatamente uma redução em 50% da violência das escolas. Isso foi constatado pelos registros policiais.

Depois de participar desses cursos, os alunos e a comunidade vêm falar como a vida mudou para eles. E mudou numa perspectiva otimista. Agora eu consigo conversar, agora eu estou desenvolvendo ações de colaboração com os colegas para melhorar a vida na escola.

FOLHA DIRIGIDA - O que de novo a proposta de Educomunicação pode trazer para as práticas educacionais?

Ismar Soares - Ela traz o reconhecimento da importância da Comunicação na vida da sociedade contemporânea. Não se pode viver sem Comunicação. E o espaço educativo tem que se transformar num espaço comunicativo. Começa-se a discutir até a própria arquitetura da escola. Na atual, as pessoas se olham entre em quatro paredes, enquanto a Comunicação derruba paredes. A escola tem que se repensar, pela Educomunicação, até no seu espaço físico.

FOLHA DIRIGIDA - Ultimamente, nas avaliações nacionais e internacionais, como Pisa e Saeb, os alunos brasileiros têm apresentado um fraco desempenho. De que forma a Educomunicação pode ajudar a reverter esse quadro?

Ismar Soares - A Educomunicação ajuda a reverter esse quadro porque vai facilitar o desenvolvimento das múltiplas inteligências. Se eu baseio a educação apenas na inteligência matemática, reflexiva e não desenvolvo as demais inteligências ... Para um menino que tem uma grande inteligência auditiva e grande capacidade de produzir música, o rádio é uma linguagem muito adequada. Na rádio, ele vai começar a escrever para usar o seu script. Ele vai dominar uma tecnologia de conhecimento que não utilizava antes porque ele não era requisitado para isso. Então, a inteligência auditiva exigirá que ele desenvolva outras inteligências. A Educomunicação, ao propiciar ou favorecer envolvimento de cada um nas múltiplas linguagens da sociedade contemporânea, vai permitir que uma inteligência favoreça a outra. E que o aluno não fique apenas sendo aquele que é requerido numa linguagem à qual ele não tem uma afinidade muito próxima. Nós chegaremos até a inteligência matemática através da inteligência musical, por exemplo.

FOLHA DIRIGIDA - E como o sr. avalia o tratamento que as escolas dão à Comunicação e às novas tecnologias no seu dia-a-dia com os alunos?

Ismar Soares - As escolas, no seu dia-a-dia, trabalham ainda a partir do parâmetro iluminista, da teoria das mediações e da perspectiva funcionalista da Comunicação. Enquanto ela continuar manejando esses conceitos, ela até chegará a adotar a Comunicação, porém, não como algo transformador, mas como um auxiliar, que vai ocupar algum espaço — caso haja interesse imediato do professor. A Educomunicação, contudo, chega com a proposta de revolucionar esse espaço, permitindo que toda a comunidade se envolva com a Comunicação e que haja sempre uma pergunta em qualquer planejamento educativo: como é que eu estou me comunicando? Como é que o meu procedimento ajuda ou atrapalha os procedimentos comunicativos? Como transformar essas relações num espaço de abertura dialógica? Existem algumas perguntas que a Educomunicação faz para a Educação. E isso permitirá uma abertura desse espaço ao mundo contemporâneo.